**Entrevista a Rui Fernando Lobo da Silva (56 anos), o “Lobo” –Segundo Cardeal-Mor durante os anos 1991/92 – 1995/96.**

* **História Pessoal**

Estudou primeiramente no Magistério Primário onde os professores primários se formavam na altura e o curso de música da Universidade do Minho tinha aulas. Enquanto estudava lá, andava nos escuteiros (os escuteiros juntavam-se a todos os eventos da UM tal como o cortejo) sendo que, quando terminou de tirar o curso entrou na UM no curso de Português/Inglês (4+1 anos), não havendo terminado o mesmo para não desistir de ser professor primário. Futuramente, estudou mais 2 anos no magistério para se licencicar em Educação especializada em ensino à distância.  
Já na UM, Rui Lobo foi o 2º Cardeal-Mor durante 1991/92 – 1995/96, sendo o primeiro Norberto Moreira (um dos fundadores dos Jograis e da RUM) no ano de 90-91. Durante 1 ano e meio em 1996/97, assumiu o cargo de Papa, função que nunca ficou registada oficialmente e que foi resultado de uma necessidade momentânea. Durante esse período não houve Cardeal-Mor.

* **Julgamento da Academia**

O Julgamento começa após 1993 porém o ano em concreto continua incerto.   
Todos tinham que usar aquela peruca visto ser O Julgamento, e faziam-nas manualmente através de plástico e algodão, tendo em conta que Julgamentos feitos no Theatro Circo foram 3, e em termos de lotação havia pessoas que ficavam de pé por não haver lugares.

No Julgamento haviam:

-Juízes (membros do cabido de cardeais);

-Advodagos de Ataque e Advogados de Contra-Ataque (caloiro não tem direito de se defender então um diz mal e o outro pior, no mínimo frei/freira)

-Meirinhos (a tarefa destas pessoas era ir buscar os caloiros quando o Papa assim o ordenasse).

Durante o Julgamento, o objetivo era fazer com que os caloiros estivessem lá como voluntários. Se algum se recusasse era lhe passado uma Burla Papal (com o sentido de enganar o caloiro).

Bronca do Julgamento:

Durante um dos 3 Julgamentos, um caloiro de um dos cursos (futuro professor da UM), após ser enrolado em papel higiénico e sentado na sanita, sem ninguém ainda o ter abordado, virou-se para o público do Theatro Circo e grita “CALOIROS REVOLTEM-SE!”. Depois deste acontecimento muitos queriam enchê-lo de porrada, mas o Papa protegeu-o e disse que quem ditaria a sua sentença seriam os seus praxantes.  
A sentença atribuída foi rapar o cabelo, a primeira raspada de sempre. No dia, por mero acaso, Rui Lobo estava presente e pediram-lhe para ser ele a fazê-lo como Cardeal-Mor. Sendo ele a pessoa que deu a primeira raspadela da praxe Minhota. Este acontecimento deu-se no CP1, com inúmeras pessoas a ver e com capas em volta do caloiro.

Pessoas em pé na rua

Descrição gerada automaticamente

Grupo de pessoas na frente de multidão

Descrição gerada automaticamente

**Nota:** Rui Lobo tem filmes de Julgamentos em cassete. O reitor Sérgio Machado dos Santos era muito amigo dos alunos e sentava-se no Julgamento e bebia vinho com eles. Foi ele que colocou a Universidade a “andar”.

* **Grupos Culturais e as alterações ao traje**

Tal como Pedro Aragão, realçou a importância dos grupos culturais, especialmete a “Tuna Universitária (TUM)/ ARCUM” . na implementação do que é agora o nosso traje Tricórnio.

Para poder ser feita uma alteração ao traje os grupos tinham de seguir um certo protocolo:  
- Realizava-se uma reunião de cabido em que o grupo teria de se dirigir ao cabido com uma minuta redigida por eles com as propostas de alteração/alterações, seguida de desenhos ilustrativos do traje.  
- Depois da proposta, os membros do cabido deliberavam se as alterações eram admissíveis ou não (por norma eram aceites ou no máximo dos casos diziam para se alterar algo).  
Depois da reunião feita, as minutas eram anexada à Ata da reunião, o que nos permite confirmar finalmente que é 100% garantido que os documentos de todos os grupos existem. As pessoas que as podem possuir são: Gualberto e Rui Lobo.

Os trajes de caloiro nunca tiveram de ser aprovados, uma vez que não são académicos, são algo interior aos grupos.  
Embora nos dias de hoje as alterações sejam fixas, dantes as alterações eram retiradas, se o praxante deseja-se, para praxar.

**Pontos soltos**

* As aulas tinham começado em janeiro de 90 não em setembro de 89;
* Em meados dos anos 30 as escolas que existiam em braga eram o Dona Maria (feminino) e o Sá de Miranda (masculino);
* Antes de haver praxe de curso havia muito pouca praxe (praxavam apenas um pouco no inicio do ano);
* Foi a AAUM que em conjunto com a TUM, colocou os trajes à venda e as pessoas começaram a aderir;
* Embora não existissem Cardeais Anciões, havia um cabido permanente(conjunto de pessoas destinadas a resolver assuntos mais urgentes quando não era possível reunir o cabido). Tinham as funções do atual conselho de anciões;
* Havia algo semelhante a um cardeal de curso, uma pessoa que representava o curso quando era necessário, nada oficial;
* “Donde surgiu a necessidade de criar a posição de Cardeal-Mor?”
* A posição surgiu por parte da necessidade do Papa ter um adjunto, alguém que o acompanhasse. Sendo assim, a posição de Cardeal-Mor é a mesma que a de um Cardeal Patriarca atualmente, distinguindo-se no facto de atualmente haver um Cardeal Patriarca por Campus, e da posição de Cardeal-Mor ter sido destinada apenas a uma pessoa;
* A fita que representava o Cardeal-Mor era uma fita púrpura/roxa por cima da de cardeal (largura desconhecida). Daí o motivo da fita da Opum-Dei antigamente não ficar por cima das outras, porque servia de distinção para o Cardeal-Mor;
* As reuniões de cabido eram feitas no auditório do BA, a divulgação destas reuniões, era feita através de cartazes colados no: BA, Insólito (antigo “Touvosaver”), e pela zona universitária, que outrora se situava na Rua D. Pedro V;
* Quem tem muita documentação será o Gualberto (tentou fugir de casa aos 12 anos para montar uma célula em trás-dos-montes);
* A altura em que o cabido teve mais gente numa reunião foi quando estavam +/- 50 pessoas;
* A trupe da morte era feita num local sagrado, tal como foi feita no cemitério monte d’arcos no inicio dos anos 90, e os membros pertencentes à mesma,eram caraterizados por carregarem um padrão, constituído por uma máscara de gás e 2 katanas reais, e, por usarem capuz preto sem o tricórnio;
* A praxe era baseada não em aspetos físicos mas sim psicológicos e humilhantes.   
  Ex: Iam buscar os caloiros à estção de braga no inicio do ano, levavam-nos até ao BA a cantar “morte ao caloiro o caloiro vai morrer”, e depois faziam com que eles baixassem as calças e andassem como bebés com as calças em baixo;
* Havia um Grupo oficial Anti-Praxe, G.O.N. (Grupo Ovelha Negra).